

**FSH - FACULDADE SANTA HELENA**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DOS SURDOS**

LINDILENE MARIA DE OLIVEIRA

A INCLUSÃO ESCOLAR NA VISÃO DO ESTUDANTE SURDO

RECIFE

2009

LINDILENE MARIA DE OLIVEIRA

A INCLUSÃO ESCOLAR NA VISÃO DO ESTUDANTE SURDO

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão da pós-graduação em Estudos Surdos realizado pela Faculdade Santa Helena, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Ms. Liliane Vieira Logman.

RECIFE  
2009

**LINDILENE MARIA DE OLIVEIRA**

**TÍTULO: A INCLUSÃO ESCOLAR NA VISÃO DO ESTUDANTE SURDO.**

Monografia submetida ao corpo docente da Faculdade Santa Helena como parte dos requisitos necessários para a conclusão do curso de Especialização em Estudos Surdos – Cultura e Diferença.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Liliane Vieira Longmam  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Tereza Campello  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Zélia Maria da Fonte  
Examinadora

RECIFE  
2009

## RESUMO

Os surdos continuam a lutar por uma escola de surdos para surdos e os gestores das políticas públicas, continuam com uma proposta de educação, que não atende as necessidades linguísticas e de cidadania dos surdos. As propostas políticas de inclusão e integração continuam a ver os surdos como sujeitos que precisam ser adaptados ao mundo dos ouvintes. Antes, nas políticas de integração, a ligação dos ouvintes com os surdos significava: os surdos aprenderem a falar o português. Agora nas políticas de inclusão a ligação com os ouvintes é o intérprete de língua de sinais. Na pesquisa que realizamos com estudantes surdos do ensino fundamental II e ensino médio da rede Estadual Pública, os surdos rejeitam o modelo de inclusão e mostram como a sua língua e sua cultura não são estudadas e valorizadas nas escolas de inclusão. Alguns defensores do modelo da inclusão podem terminar de ler essa monografia e dizer que essas escolas não sabem fazer a inclusão, mas não podem mudar a opinião e a experiência dos surdos numa sala que tem intérprete traduzindo cada disciplina com um professor ouvinte. Os surdos não têm direito de ter professores que ensinem na sua língua natural e de ter competência como qualquer outro aluno. Os surdos são colocados em segundo lugar com intérpretes para traduzir o intraduzível: relação professor e aluno e aprendizagem.

**PALAVRAS CHAVE:** estudante surdo, inclusão, escola.

## ABSTRACT

Deaf people are still fighting for an exclusively deaf people school whereas public policy managers insist on educational proposals which do not meet deaf people's linguistics and citizenship needs. The political proposal of inclusion and integration continue to see the deaf as the one who needs to adapt to the hearing people's world. Before, in the light of integration policies, the link between deaf and hearing people was deaf people were supposed to learn how to speak Portuguese. Now, for the inclusion policies the connection with the hearing world is the sign language interpreter. The research we have done amongst deaf elementary and high school students of public schools shows that deaf students reject the inclusion model and highlight how their language and culture are not taken into consideration in inclusive schools. Reading this study, those who advocate for inclusion model may say that those schools do not know how to include, but they can't change the opinion and the experience of deaf students which is having classes with hearing teachers and an interpreter. Deaf people still have no right to learn school subjects in their mother tongue as any other student. Deaf people are not a first place priority and interpreters are hired to translate what is untranslatable: the teacher-student- learning relation

**Keywords:** deaf student, inclusion, school.

## AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus pelos momentos difíceis e oração que pedi para me capacitar e estimular a ter coragem para poder levar adiante esta monografia.

A professora Liliane Longman e a toda direção do SUVAG, que lutaram para concretização do curso de Estudos Surdos: cultura e diferença.

Aos professores do curso da pós-graduação, em especial aos professores ouvintes e ao professor surdo que me ajudaram nessa caminhada, na minha formação profissional.

A minha orientadora da monografia, professora Liliane Longman por ter sido a minha fada madrinha, pessoa admirável na realização deste trabalho, que com critérios foi apontando o caminho correto e seguro que possibilitaram este trabalho de conclusão do curso.

A nossa turma do curso de pós-graduação, aos amigos da turma: Darlene, Carol, Viviane, Rafael e aos demais amigos e amigas solidárias e comprometidas com as questões da relação com a comunidade surda e do saber valorizar o humano e a vida. Jamais deixaram de estar ao meu lado nos momentos de alegria ou de tristeza.

A minha querida amiga e amada Wanda Pinheiro (in memória) por todo afeto e carinho, por seus conselhos e a luta pela comunidade surda.

Ao meu querido filho Raylucas, meu amado que com toda sua alegria dá sentido a minha vida. Muito obrigada pela compreensão nos momentos difíceis e *stresse*. Seu sorriso me estimula na hora da dificuldade.

Meus pais, Marlene e Givaldo (in memória) que sempre me apoiaram com muito amor e compreensão durante a minha vida.

Meu marido René, aos momentos mais difíceis, pelo seu amor, pela sua paciência, pelo carinho e apoio em fases deste trabalho.

Aos meus sobrinhos (as), por todo carinho e apoio.

E aos meus irmãos (as), por sua admiração, que sendo ouvintes e eu sendo surda me apoiaram.

Aos meus amigos (as) surdos (as), ouvintes da FENEIS, ASSPE, CAS, do curso Letras Libras e mães de surdos (as). Agradeço profundamente a cada um que tive a oportunidade de conviver durante minha vida e pelo meu crescimento profissional. E aos demais amigos surdos e ouvintes que não fazem parte da comunidade surda.

## **DEDICATÓRIA**

“A vida de cada um é como plantar: é preciso plantar a sementinha, cuidar com carinho, dar água para a flor crescer, se desenvolver e se tornar forte e bonita. São os caminhos de cada um! Só Deus sabe onde vamos chegar”. Wanda Pinheiro (in memória) (PE, 2007).

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS .....	10
1.1 Minha Experiência de Inclusão e Integração.....	10
1.2 Meus pais não sabem LIBRAS .....	12
1.3. Aprender a ler Português com a libras.....	14
2. OS SURDOS DIZEM NÃO A INCLUSÃO.....	17
2.1 Passeata de surdos em Pernambuco – não à inclusão.....	18
2.2 Políticas públicas para surdos.....	20
2.3 A inclusão oferecida significa integrar os surdos? .....	21
3. METODOLOGIA E PESQUISA .....	30
3.1 Uma pesquisa realizada durante o curso de pós-graduação: saber o perfil do estudante surdo .....	30
3.2 Os surdos definem as perguntas .....	31
3.3 Metodologia da pesquisa .....	32
3.4 A seleção das perguntas do questionário.....	32
3.4.1 Caracterização dos estudantes surdos.....	33
3.4.2 Caracterização dos estudos selecionados para nossa pesquisa.....	33
3.5 Análise das perguntas – os surdos dizem não a inclusão .....	33
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS .....	46

## INTRODUÇÃO

O interesse acerca do tema: a inclusão na visão do indivíduo surdo, surgiu durante a experiência como surda e professora de surdos. Essa dupla identidade: aluna surda e professora surda, levou-me a busca de uma pesquisa científica sobre o que outros surdos que vivem a inclusão sentem e pensam, ou melhor, quais os ganhos e dificuldades por eles encontrados no processo de aprendizagem inclusiva.

Essa questão da inclusão vem sendo debatida em nosso estado e as famílias de surdos e estudantes surdos vem denunciando, mas as autoridades nada fazem. Há uma evasão nas escolas dos alunos surdos, por motivo de gradativa redução das salas bilíngues de surdos.

Na inclusão, são os ouvintes que pensam sobre a pedagogia de ensino para os surdos e definem as políticas de educação. No entanto, os professores não sabem como ensinar aos surdos com uma pedagogia própria para eles. E, assim, utilizam o mesmo modelo dos ouvintes para os surdos sem respeitar suas especificidades.

Nós sempre debatemos com colegas e familiares de surdos sobre a questão da inclusão, mas precisávamos fazer uma pesquisa para saber cientificamente as opiniões dos estudantes surdos. Assim surgiu a seguinte questão: Qual a visão do estudante surdo do ensino fundamental II e ensino médio, sobre a inclusão?

O Ministério de educação criou, no governo de Luiz Inácio, uma base legal que cria e legitima a inclusão. Esse processo na prática não está dando os resultados esperados. Nos encontros de surdos e nas conversas informais na associação de surdos percebe-se que a Comunidade Surda exige que sejam criadas escolas para surdos.

Portanto, nessa monografia desenhamos um retrato de como os surdos nas escolas da rede estadual do ensino fundamental II e médio se colocam com a realidade da inclusão, na cidade do Recife.

Começo com a minha experiência enquanto surda nas escolas de ouvintes e na política da integração. As diferenças do modelo de inclusão e de integração não são muito diferentes no respeito e direito de oportunidade de educação e aprendizagem dos surdos.

Os órgãos públicos continuam a discriminar e não ouvem as necessidades pedagógicas dos surdos. Pretendemos que o nosso trabalho possa contribuir para chamar a atenção das autoridades competentes para a referida questão, e também, que as novas políticas públicas percebam a necessidade de consultar a comunidade surda, quando as questões ferem os surdos.

# 1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS

## 1.1 Minha experiência de inclusão e integração

Nasci ouvinte e aos quatro anos de idade estava brincando em uma rede com uma colega quando levei uma queda e bati com a cabeça no chão, a partir daí fui perdendo a audição. Minha mãe começou a desconfiar que havia algo de errado, porque me chamava e eu não respondia. Ela me levou ao médico, lá chegando ele disse que eu estava perdendo a audição e que não tinha jeito. Minha mãe pensou que eu nunca ia aprender nada na vida.

Comecei a estudar em uma escola especial para surdos. Na época essa escola adotava a filosofia oralista e nós éramos proibidos de falar em língua de sinais, mas nós falávamos às escondidas no banheiro ou em outro lugar seguro que ninguém pudesse nos ver.

Um dia, quando cheguei em casa, comecei a conversar com minha mãe em língua de sinais, entretanto, ela reclamou comigo e disse: você é capaz de falar! Eu vou à escola reclamar porque você está usando língua de sinais. Ela realmente foi à escola e reclamou. A partir de então, os professores passaram a me vigiar para que eu não falasse em língua de sinais.

Alguns anos depois, minha mãe me colocou em uma escola pública que tinha uma sala especial onde eu fiquei até a terceira série do ensino fundamental I, depois fui para uma sala de integração e fiquei até concluir o ensino médio. Eu costumava perguntar aos colegas ouvintes o que o professor havia explicado, como era para fazer as tarefas, quando era a prova, que trabalho ele havia passado, enfim, tudo isso eu perguntava aos colegas ouvintes. Às vezes, eu não perguntava, e eles esqueciam de me avisar, quando eu chegava na escola era prova e eu não tinha estudado, porque não sabia que era prova, pois o professor não havia me avisado, nem os colegas lembraram de me avisar.

Nessa sala quando o professor falava e eu não entendia, ficava “voando”, porque não tinha intérprete nem o professor sabia língua de sinais, só podia contar com a ajuda do professor itinerante. Isso acontecia com frequência, pois os ouvintes não sabiam o que era ser surdo. Eu sofria muito, na sala de aula eles me chamavam de muda, a mudinha, parecia que não tinha nome. Os professores não tinham uma metodologia diferenciada para me ensinar, usavam a mesma dos ouvintes e aplicavam a mesma prova usada para os ouvintes, inclusive prova oral. Durante as aulas eu era obrigada a ler em voz alta para todos da sala, isso era

péssimo e muito difícil para mim. Mesmo assim, como eu queria estudar, apesar de sofrer muito e de não ter o apoio da minha mãe, eu me esforçava e continuava.

É interessante ressaltar que nenhum dos meus irmãos conseguiu concluir o ensino fundamental II, eu fui a única, dos cinco irmãos na família, que conseguiu se formar. Meu pai ficou muito feliz pela minha formatura de magistério. Ele era analfabeto e minha mãe só estudou até a 2ª série do ensino fundamental.

O desejo de estudar aumentava a cada dia, eu queria fazer faculdade, mas era difícil para mim. Então, comecei a participar dos movimentos dos surdos em uma igreja para estudar a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e assim, quando chegou a Lei de LIBRAS nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, eu resolvi fazer o vestibular para Pedagogia, em uma faculdade particular. Fui aprovada e fiquei feliz porque lá tinha intérprete. Mesmo assim, a maioria dos professores não tinha conhecimento sobre a LIBRAS nem sobre os surdos e a cultura surda. Aos poucos, a faculdade foi se inteirando sobre a língua de sinais e no ano seguinte abriu mais vagas para surdos.

Na verdade, eu consegui aprender na faculdade, mas não aprendi igual aos ouvintes que estudaram junto comigo. Atualmente estou terminado a pós-graduação em estudos dos surdos. Além disso, estou fazendo outro curso de graduação, o letras libras, pela UFSC no pólo UFPE. Nesse curso as aulas são todas em LIBRAS com interação professor x alunos e tutor. As aulas são apresentadas em LIBRAS através de vídeo conferência ao vivo, com a participação de professores surdos e ouvintes, uma vez por mês no sábado e no domingo. Com base nessa experiência comparei o curso de pedagogia com o de letras libras, achei que no de Letras libras estou aprendendo melhor do que no outro, pois as aulas são em LIBRAS e a interação professor x aluno acontece sem a mediação do intérprete. A interpretação deve ser neutra, quando não é possível interpretar alguma coisa dada pelo professor os alunos perdem algumas informações. Na relação aluno x professor os surdos aprendem melhor. Muitas vezes na sala de inclusão, o professor está dando a aula e o intérprete não entende, os alunos surdos perguntam o que foi, e o intérprete diz: depois te explico. E assim, geralmente não pergunta com medo de parar a aula e pedir ao professor que explique novamente. Porque as vezes o professor não gosta.

Por isso, o Letras Libras é um curso diferente, que tem a mesma língua dos surdos, e nós preferimos uma escola de qualidade.

Ao longo da minha história como militante surda, participei de vários encontros e conheci muitos surdos que também conseguiram concluir o curso superior. Nessa época, era

muito difícil para os surdos não oralizados fazerem um curso superior. Era preciso saber falar português para se comunicar com os professores. Além disso, a língua de sinais não era aceita pela comunidade dos ouvintes.

## 1.2 Meus pais não sabem LIBRAS

Quando criança comecei aprender a língua de sinais, que ainda não se chamava LIBRAS, mas na minha família era proibido falar língua de sinais. Eu sofria muito, pois falava língua de sinais no banheiro, escondida.

Depois muita luta, os surdos conseguiram a aprovação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Hoje, as mães e os pais de surdos, podem compreender melhor a importância da língua de sinais para seus filhos surdos.

Muitos pais e mães fazem curso para aprender LIBRAS, para se comunicar com seus filhos. É importante os pais ouvintes aprenderem a língua de sinais. Pois, precisam falar para o filho eu te amo e se comunicar com seu filho. A relação pai e mãe x filhos é muito importante para a auto estima do filho e para a sua educação.

A língua é a vida das pessoas. Os surdos, por não escutarem, inventaram uma língua de modalidade gestual e visual. A língua é o meio de preferência para os humanos se comunicarem. Os surdos não poderiam estar sempre dependendo da comunicação com uma língua que não é da natureza deles. A diferença entre os usuários da língua gestual dos usuários das línguas orais, é que os surdos utilizam as mãos e os ouvintes o som, que se manifesta através da boca.

Muitas pesquisas já foram feitas sobre a importância e a descrição da língua de sinais. O primeiro cientista que estudou a língua de sinais foi o Stokoe, um linguista americano que estudou a língua de sinais americana. Aqui no Brasil, temos a linguista Lucinda Ferreira Brito. Essa professora começou a estudar e descrever a língua de sinais brasileira. Atualmente a professora e linguista Ronice Quadros, aprofunda os estudos da língua brasileira de sinais. Ela tem uma vantagem em relação aos outros linguistas, porque nasceu numa família em que os pais são surdos e a sua primeira língua é a LIBRAS (língua brasileira de sinais).

Essa pesquisadora tem contribuído com muitos trabalhos sobre a educação e o conhecimento das línguas de sinais.

No Brasil, a língua de sinais começou a ser investigada na década de 80 (Ferreira-Brito, 1986) e a aquisição dessa língua, nos anos 90 (Karnopp, 1994; Quadros, 1995). Esses estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo à aquisição da linguagem em crianças

adquirindo uma língua oral-auditiva. O fato de o processo de aquisição da linguagem ser concretizado por meio de línguas visuais-espaciais exige uma mudança nas formas como essa questão vem sendo tratada na educação de surdos. As crianças com acesso à língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas mudanças. (QUADROS, 2006, p.20).

As línguas de sinais por serem de modalidade gestual e visual ainda hoje são motivos de muito preconceito e discriminação. Alguns pensam que a língua de sinais é universal, outros pensam que são gestos ou mímicas e que não tem uma sintaxe.

Os linguistas têm ajudado muito a sociedade começar a pensar essa língua no lugar das outras línguas orais.

Segundo (BRITO *apud* QUADROS 2006, p.21) os classificadores são sinais que utilizam um conjunto específico de configuração de mãos para representar objetos e ações. Tais classificadores são gerais e independem dos sinais que identificam tais objetos. É um recurso bastante produtivo que faz parte das línguas de sinais.

Podemos ver, nas salas de aula, muitas crianças surdas a partir de três anos de idade, que já começam a usar as configurações de mãos complexas para a produção de sinais. Muitas tentativas acabam sendo expressas através de configurações de mãos mais simples e os movimentos continuam sendo simplificados, com êxito em alguns contextos.

Segundo Lane *apud* Quadros (2007), as línguas de sinais existem no espaço e tiram proveito do raciocínio espacial para transmitir conceitos e mensagens.

O linguista Stokoe, quando estudou a língua de sinais americana, descreveu os traços distintivos das línguas gestuais, que são também descritos pelos linguistas quando estudam as línguas orais.

Mesmo com todos os estudos dos linguistas e de colocar as línguas gestuais com o mesmo valor das línguas orais, muitos profissionais da fonoaudiologia, otorrinos e pais, não aceitam nem entendem a importância dessa língua.

Só mais tarde, quando os pais são vencidos pela língua oral, é que começam a investir nos filhos surdos para aprenderem, com outros surdos, a língua de sinais.

O preconceito ainda é muito forte dessa língua. Os pais de surdos insistem que seus filhos, que nasceram ou ficaram surdos, ainda na infância aprendam a língua de sinais.

Na pesquisa figuras culturais, registramos que na pergunta onde os filhos mais gostam de falar LIBRAS, 98,5% afirmam que eles gostam mais de usar na escola. E mais

ainda, quando responderam como conversam com seu filho surdo, 19% responderam em português e LIBRAS, 22% com gestos, 14% mímicas, 9% linguagem própria da família, 9% português escrito, 6% datilologia, 3% intérprete.

Esse resultado é muito assustador para os surdos adultos, porque eles pensavam que a divulgação da LIBRAS na mídia e o projeto de lei de reconhecimento da LIBRAS, poderia ter influenciado para a mudança dos pais.

### 1.3 Aprender a ler português com a LIBRAS.

Para os surdos o português é a segunda língua de significado. A primeira língua da criança surda é LIBRAS. O português será importante para a aquisição da escrita, isso porque a língua de sinais não tem uso de escrita.

A criança surda pode ter acesso à representação gráfica da língua portuguesa, processo psicolinguístico da alfabetização, e à explicitação e construção das referências culturais da comunidade letrada. A tarefa de ensino da língua portuguesa tornar-se-á possível, se o processo for de alfabetização de segunda língua, sendo a língua de sinais reconhecida e efetivamente a primeira língua. Nesse processo, há vários momentos em que se faz necessária a análise implícita e explícita das diferenças e semelhanças entre a língua de sinais brasileira e o português. Nesse sentido, há processos em que ocorre a tradução dos conhecimentos, dos conceitos, dos pensamentos e das idéias adquiridos na língua de sinais para o português. (QUADROS, 2006, p. 24).

A língua de sinais é fundamental para a aprendizagem do português conforme afirma Quadros a seguir:

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira, a língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A idéia não é simplesmente suma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados. (QUADROS, 2006, p. 24).

A língua de sinais só é aceita totalmente pelos pais ouvintes de surdos, quando os pais veem os filhos sem querer estudar. Alguns pensam que seus filhos são preguiçosos, mas outros se apercebem de imediato e buscam colocar seus filhos em escolas que estão voltadas para os surdos.



Figura 1: Karin Strobel e Lindilene Oliveira

É como reforça a professora e linguista, especialista em língua brasileira de sinais, Ronice Quadros, que diz que a língua de Sinais é o meio e o fim da interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira, é uma língua visual-espacial.

As línguas de Sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação... As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema TTP linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS e KARNOPP, *apud* QUADROS, 2006, p. 15 e 16)

Outro depoimento é da presidente nacional da federação de surdos do Brasil, Karin Strobel, em entrevista para a revista Arara Azul, onde afirma que a língua de sinais é uma “bênção de Deus”:

Esta língua me abriu as portas para o mundo surdo e também de ouvintes, pois com a iniciação do uso dessa língua me fez viver uma vida sadia e feliz. Dou opinião semelhante de uma surda de Pernambuco, a Lindilene, que mandou um e-mail ao grupo de surdos recentemente, explicando sobre a LIBRAS: “essa língua existe, e agora que existe podemos lutar por ela querendo entrar na cultura dos surdos... nós o povo surdo não sabemos de onde foi feita a língua portuguesa, a língua espanhola, a língua americana e outras... mas nós surdos sabemos de onde foi feita a nossa língua de sinais, e que por ela ... sofremos muito para conseguir essa língua reconhecida. Esta é uma história de muitas lutas do povo surdo e mesmo assim nós surdos damos os poderes da nossa língua aos ouvintes para serem intérpretes de LIBRAS! (STOBEL, 2009)

Karin ainda afirma que a LIBRAS é um caminho para a interculturalidade entre surdos e ouvintes uma vez que:

Os sujeitos surdos necessitam de intérpretes, família, amigos e professores que os entendam. A formação de professores de LIBRAS ficou mais valorizada no Brasil, principalmente graças à metodologia transmitida pela FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, em parceria com MEC: o “LIBRAS em Contexto”, que aboliu a metodologia tradicional do ensino de língua de sinais e hoje estamos expandindo com o curso de LETRAS/LIBRAS em muitas universidades brasileiras. Com a abertura do curso de Letras/LIBRAS em UFSC foi uma grande vitória para as comunidades surdas. A nossa expectativa de uma educação melhor para os surdos, atualmente na tenra infância, aumenta diante de tal resultado. (STOBEL, 2009)

Para Karin, o interesse dos sujeitos surdos e ouvintes, renova a esperança de uma sociedade mais igualitária e justa. Onde os surdos poderão aprender e ensinar através da sua própria língua, e os ouvintes passarão a interpretar com ótima qualidade a LIBRAS.

## 2 OS SURDOS DIZEM NÃO A INCLUSÃO

No dia 26 de setembro é celebrado o dia nacional dos surdos. Essa data é importante pela coincidência de lembrar a inauguração da primeira escola para surdos no Brasil em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES- Instituto Nacional de Educação de surdos. Essa escola é ainda hoje importante para os surdos no Brasil, porque tem uma história. No início ela juntava os surdos de todo o Brasil, formando uma língua de sinais única, nos centros urbanos. Os surdos lutaram por uma educação de surdos, para ter direito a uma escola de qualidade.

Em 1857, foi fundada a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto dos Surdos-Mudos, hoje, Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). Foi a partir deste instituto que surgiu, da mistura da Língua de Sinais Francesa, trazida por Huet, com a língua de sinais brasileira antiga, já usada pelos surdos das várias regiões do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais. (FELIPE, 2009, p. 17, 20, 21 e 24)

Essa escola, foi fundada por um surdo, no início não permaneceu com seus princípios pedagógicos de ser uma escola pensada para surdos. As mudanças no Instituto Nacional dos Surdos foram acontecendo de acordo com as mudanças da educação dos surdos no mundo. Ainda hoje, esse instituto, que é uma referência no Brasil, continua sendo pensado e defendido a partir da visão pedagógica dos ouvintes. É diferente da história da Faculdade de Gallaudet. No início foi uma escola para surdos, pensada pedagogicamente por um surdo Laurent Clerc e só depois evoluiu para ser uma faculdade de surdos.

Os surdos na passeata no Recife no dia 26/09/2006 continuam dizendo “não a inclusão escolar” no dia nacional dos Surdos, porque entendem que a sua língua de sinais e sua cultura surda não são entendidas e respeitadas pelos órgãos que definem as políticas para surdos.

Sendo assim, não há sentido impor uma escola na qual a comunidade surda entende como inadequada, pois os mesmos sabem e podem escolher o que atende a seus anseios.

## 2.1 Passeata de surdos em Pernambuco - não a inclusão.



Figura 2: Passeata dos surdos no Recife - 2008

Em Pernambuco o primeiro encontro com o governador, no dia dos surdos, aconteceu no ano de 2008 com 15 representantes, sendo 14 surdos e uma mãe de aluno surdo. Todos apresentaram um documento colocando-se contra ao processo de inclusão. O governador ouviu cada surdo, os quais colocaram a sua experiência e a carência na proposta de inclusão do estado, exigindo o direito de ter escolas em que a língua preferencial seja a LIBRAS. Foi também colocado o que é preciso melhorar. O governador entendeu que as deficiências das pessoas não são iguais e sim diferentes e que cada diferença apresenta dificuldades peculiares, por exemplo: o que o cego precisa? O que o cadeirante precisa? O surdo precisa? Veja a foto abaixo:



Figura 3: Encontro dos representantes da passeata dos surdos 2008, com o governador Eduardo Campos.

A comunidade surda quer escolas próprias para surdos, mas precisa ser de qualidade. Segundo Chneider (2006), analisando o processo de inclusão de crianças surdas no

pré-escolar, concluiu que existe uma segregação explícita entre professores e colegas, perante os alunos surdos. Os alunos permanecem na escola regular recebendo uma educação que não lhe oferece as mesmas oportunidades dadas aos alunos ouvintes.

Segundo Campovilla *apud* Quadros (2008), através de pesquisa científica, constatou que os surdos não estavam tendo aproveitamento na escola regular, pois na inclusão, os alunos surdos não estão tendo uma escola de qualidade, como expressaram no dia da passeata.



Figura 3: Passeata dos surdos do Recife -2008

Segundo a linguista Tânia Filipe, professora aposentada da universidade Estadual de Pernambuco:

Os alunos surdos que ficam em classe de ouvintes, percebem que a língua de maior prestígio será a da professora e dos alunos ouvintes. Os surdos embora possam receber a tradução simultaneamente do “ensinado” que estiver acontecendo em sala de aula. Terá de estudar em português e fazer suas provas nessa língua (FELIPE *apud* QUADROS e STROBEL, 2008, p.87)

Se a língua dos surdos é a língua de sinais, como ele vai entender e construir conhecimento numa outra língua?

O surdo pode receber tradução do intérprete, mas essa tradução não garante que o que foi traduzido na sala de aula, foi passado corretamente e se o que os surdos perguntam, foi compreendido pelo intérprete.

Por exemplo, se os intérpretes entendem bem o conteúdo que o professor ensina, os alunos surdos têm mais chance de entender, mas se ele não entende o assunto dado pelo professor, os alunos surdos também ficarão sem entender, uma vez que os professores não

sabem LIBRAS. O certo é os alunos surdos estarem numa sala com alunos que sejam iguais a eles, que todos tenham a mesma comunicação, na mesma língua como os ouvintes têm direito. Nesse modelo, os professores irão trabalhar para todos os alunos. Agora, surdos e ouvintes estão estudando juntos na língua portuguesa e com um intérprete na sala para traduzir. O que parece transparecer, que alunos surdos não têm direito a ter professores que valorizem sua língua. O intérprete de LIBRAS não é professor, e sim um repassador.

A escola que os surdos sonham é a escola bilíngue, ou seja, a língua de sinais tem de ser a primeira língua dominante e o português a segunda língua.

Desta maneira, a “inclusão” de sujeitos surdos na escola, tendo-se a língua portuguesa como principal forma de comunicação, nos faz questionar se a inclusão oferecida significa integrar o surdo? Na verdade, a palavra correta para as experiências desenvolvidas não é “inclusão”, e sim uma forçada “adaptação” com a situação do dia a dia dentro de escola de ouvintes.

## 2.2 Políticas públicas para surdos

As políticas linguísticas que se ocupam das línguas de sinais, precisam considerar essas formas de apropriação e cultivo dessas línguas.

A tradução dos políticos linguísticas no âmbito educacional é uma das formas de cultivo da língua brasileira de sinais enquanto língua nacional. Em nosso país, uma política linguística para a língua brasileira de sinais começa a ser instaurada por meio legal.

A lei 10.436 de 2002 reconhece o estatuto lingüístico da língua de sinais e, ao mesmo tempo, assinala que esta não pode substituir o português. A garantindo o acesso à educação por meio de língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua." recomendação atual do MEC/SEESP é de que, em função da língua portuguesa ser, cartorial em que se registram os compromissos, os bens, a identificação das pessoas e o próprio ensino, determina-se o uso dessa língua obrigatório nas relações sociais, culturais, econômicas (mercado nacional), jurídicas e nas instituições de ensino. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para surdos baseia-se no aprender esta língua oficial que é tão importante para o exercício de sua cidadania. (Quadro, 2006, p. 16 e 17)

O decreto a seguir é de fundamental importância, pois garante aos surdos brasileiros o ensino bilíngue.

O Decreto no. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, assinala que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngüe, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua. (QUADROS, 2006, p. 16 e 17).

Outro fator importante para o reconhecimento da importância de cursos voltados e pensados na pedagogia de surdos, é a graduação de licenciatura em letras libras, realizada pela UFSC. O curso acontece em uma sala com surdos e aulas realizadas em LIBRAS. Essa forma de estudar é muito diferente de quando estudei nas escolas de ouvintes e na faculdade de pedagogia no sistema de inclusão.

As autoridades insistem quando afirmam:

Esta é uma forma concreta de inclusão social de minorias linguísticas e de garantir formação gratuita com qualidade... Os direitos linguísticos dos surdos brasileiros a partir da Lei LIBRAS nº 10.436 e do decreto nº 5.626 passam a garantir a inclusão dos surdos na sociedade brasileira, tendo acesso ao conhecimento em sua própria língua garantindo à cidadania. O curso de Letras Libras inclui os surdos no ensino superior brasileiro com qualidade, direito nunca usufruído antes por essa minoria social, e possibilita a sua inclusão no mercado de trabalho. (QUADROS, 2008 p. 55 e 56)

Foram deduzidas, a partir dos dois últimos documentos, apresentados da comunidade surda questões referentes a pedagogia das narrativas.

O primeiro se encarrega de mostrar à sociedade como está a educação dos surdos e como ela deveria ser, de acordo com os desejos e expectativas educacionais. O segundo corresponde a um passo decisivo na vida dos profissionais surdos, seja para os que deveriam colocar como pedagogia da diferença, seja para os que presumem que deveria ser parte constitutiva de sua formação. Enfatizamos ainda, os campos da educação dos surdos, passando por transformações em relação ao conhecimento referente aos surdos e sua aplicação à vida prática, melhorando a capacidade do profissional surdo, bem como do profissional de educação de surdos. (PERLIN, e MIRANDA, 2003, p. 222).

### 2.3 A inclusão oferecida significa integrar os surdos?

Os surdos se sentem como uma pessoa estrangeira no meio do ambiente escolar. Ficam sempre dependendo do intérprete. Antes, na integração, os surdos dependiam dos outros colegas ouvintes para os ajudarem, ou seja, os colegas é que eram os intérpretes dos surdos. Os depoimentos de alunos surdos que passaram pelo ensino regular mostram como eles se sentem estrangeiros e marginalizados nessa situação.

Segundo Quadros, a LIBRAS e o português são as línguas que permeiam a educação de surdos e se situam politicamente enquanto direito.

A aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das formas de garantir a aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa pela criança surda. O ensino da

língua de sinais e o ensino do português, de forma consciente, é um modo de promover o processo educativo. O português é a língua oficial do país, e uma segunda língua para pessoas surdas, o que exige um processo formal para sua aprendizagem. Idéias para ensinar português para surdos na educação regular, de Ronice Muller de Quadros e Magali Schimiedt, é um livro que permite a reflexão de professores de alunos surdos que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental e que buscam uma perspectiva bilíngue. (QUADROS, 2006, p. 7).

A escola inclusiva é o espaço privilegiado dos ouvintes. Os surdos fazem de conta que aprendem e os professores fazem de conta que eles estão aprendendo. É igual nas escolas de integração.

Políticas linguísticas – Ações consideradas imprescindíveis para que se reconheça, de fato, a língua brasileira de sinais enquanto língua nacional. A partir delas, criam-se formas de cultivar a línguas brasileira de sinais, de disseminá-la e de preservá-la. As línguas de sinais de vários países foram preservadas e passadas de geração em geração nas associações de surdos e famílias de surdos, são línguas que passaram de “mão em mão”, sendo vistas e produzidas de um para o outro. No Brasil, as associações de surdos sempre mantiveram intercâmbios; possibilitando contatos entre surdos do país inteiro e possibilitando a existência da língua brasileira de sinais com suas respectivas variações linguísticas. (QUADROS, 2006, p. 16).

Vale ainda reforçar e exemplificar algumas experiências e vivências que, como surda, vivi nas escolas, sem amigos surdos e sem poder falar minha língua: uma vez entrei na sala de aula e todos entregaram trabalho para o professor. Fiquei surpresa e perguntei: “que trabalho?”. Os colegas disseram que o professor avisou verbalmente na última aula, só que ninguém se lembrou de me avisar. Isto também aconteceu com as provas marcadas e depois na hora, me dava mal por não ter estudado.

Outra situação que vivi nas salas de integração era a cobrança que faziam para eu fazer a leitura labial. Eu arrumava todas as “desculpas” possíveis para escapar daquela situação. Cheguei a dizer uma vez, que o professor tinha um bigode enorme e que por isto eu não o entendia. A direção obrigou-o a tirar o bigode, o que ele fez, e fiquei muito sem graça porque continuei não entendendo e para piorar, ele ficou horrível com os lábios muito finos. Então, com essa experiência da infância até a faculdade comecei a fingir que entendia tudo. Depois, conversando com outros surdos percebi que isso era muito comum com os sujeitos surdos: fingir que compreendem tudo como estratégia de sobrevivência.

A pesquisadora Botelho (2002, p.19), reforça minha experiência revelando que

[...] muito frequentemente os surdos usam a “simulação de “compreensão”. Isto é, fingem que compreendem e que sabem, para evitar constrangimento na tensão da comunicação e para que passem despercebidos, aprendem a ocultar o sofrimento pelo temor e vergonha de não ser como todo mundo, isto torna as coisas piores

porque aparenta ausência de problemas e reforça o equívoco de que a escola regular é possível para todos os surdos [...]

É preciso entender também que os surdos não são iguais. Alguns defendem a sala com ouvintes e não aceitam a língua de sinais. Esses podem ficar com o modelo da integração oralista ou da inclusão neo-oralista. O professor Skliar descreve uma nova forma de ver o surdo atualmente, com esse modelo da inclusão.

A inclusão não pode negar totalmente a língua de sinais, então profissionais fazem de conta que a reconhecem e defendem o intérprete na sala de aula. Neste sentido, a inclusão seria uma forma de entender que a língua dos surdos é de segunda categoria e só precisa ter um apoio. Que é a figura do intérprete, que termina sendo professor auxiliar dos surdos, porque eles não aprendem nada das aulas.

Na inclusão é mais difícil para às crianças surdas, pois por ainda não estarem preparadas, ficam totalmente dependentes dos professores que não sabem de língua de sinais e dos colegas ouvintes. Que fazem muitas brincadeiras rotineiras da sua cultura como por exemplo: o “ telefone-sem-fio, “ciradinha” e outros.

Strobel (2009) questiona:

Como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda no futuro, se ele não conviver com outros surdos que façam uso da língua de sinais? Quem foi que disse que é só o sujeito surdo utilizar-se da língua de sinais, que por um “passe de mágica” ele passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura como fica? (p.250).

Sabemos, pela experiência da maioria, que uma criança surda quando vai estudar numa sala regular (inclusão), sua cultura e sua língua não estarão sendo desenvolvidas. Isto porque, como mostra a pesquisa Figurações Culturais: 9% dos alunos surdos são filhos de pais ouvintes. As crianças surdas vão estudar junto com as crianças ouvintes e a professora, só irá utilizar o português.

Como as crianças surdas vão aprender? A sua língua, a LIBRAS e o português sua língua escrita também?

O contexto bilíngue da criança surda configura-se diante da co-existência da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. No cenário nacional, não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do programa escolar, mas sim tornar possível a co-existência dessas línguas, reconhecendo-as de fato, atentando-se para as diferentes funções que apresentam no dia-a-dia da pessoa surda que se está formando”. (QUADROS, 2006, p. 13).

Pois, sabemos que os surdos aprendem visualmente e com a sua língua. O surdo primeiro ver o que é, o que significa em LIBRAS, para depois aprender no português escrito, pois a primeira língua dos surdos é LIBRAS, e a segunda português, e as crianças ouvintes ao mesmo tempo aprendem e falam em português. Aprendem o significado ouvindo, para depois aprender a escrita, e numa inclusão o professor não vai usar duas línguas, para ensinar. Ele vai usar o português, pois a maioria na sala são os ouvintes e as crianças surdas ficam como um pássaro voado, mesmo tendo o intérprete na sala de aula. A metodologia é igual ao do professor que está ensinado para o ouvinte, pois o intérprete é mediador, e ele muitas vezes não sabem como interpretar na aula os conteúdos dados pelo professor, pois no início escolar nem as crianças surdas ainda conhecem bem a língua de sinais.

É preciso que as crianças surdas aprendam com os professores surdos a sua língua e de forma natural para poder entender um intérprete. Ainda mais, que algumas metodologias não combinam com as crianças surdas, pois elas aprendem diferente das crianças ouvintes. É preciso estudar e conhecer mais os surdos para descobrir como aprendem mais fácil, quer dizer, diferente.

Outra diferença importante é que os surdos aprendem de forma visual, e os ouvintes ouvindo e vendo. As crianças surdas, na política de inclusa, não têm direito a um professor que possa trabalhar só com elas, na mesma língua e com a metodologia certa para elas.

O papel do intérprete não pode ser o de ensinar. Ele só pode repassar para as crianças surdas o que é ensinado pelo professor e o intérprete não sabe como fazer para que as crianças surdas entendam se elas ainda não sabem a sua língua de sinais.

Para os surdos poderem mergulhar na cultura surda, é preciso uma sala ou escola para surdos, que trabalhe na mesma língua, e tenha um professor surdo para a criança perceber a cultura e identidade surda, quero dizer que na escola de surdo ou sala para surdo, estamos preparando às criança para a sua comunicação, cultura, identidade e para a inclusão social, pois a inclusão escolar é diferente da social.

As autoridades desconhecem os argumentos e a experiência dos surdos na inclusão.

Realizou-se um marco importante da luta dos surdos em defesa da sua escola:

com o prof. Neivaldo Augusto Integração dos Zovico, Diretor Regional da Federação Nacional de Educação e surdos e Conselheiro do Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Portadora de Deficiência. Aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2008 em São Paulo um debate sobre a educação inclusiva pelo surdo Neivaldo, foi

um marco histórico dentro da OAB/SP, pois esta Entidade não conhecia as necessidades da comunidade surda.( FENEIS, 2009)

O debate foi tão importante que o auditório ficou cheio e ainda precisou do segundo auditório, onde foi colocado um telão para as pessoas assistirem o evento. Antes do início, o Professor Neivaldo falando para o presidente da OAB, O Dr. Frederico, porque não respeitou a lei da acessibilidade e contratou apenas um intérprete para a platéia e nenhum para traduzir e interpretar para os palestrantes surdos e também, não providenciou legenda para os surdos que não conhecem LIBRAS.

Neivaldo falou, em sua palestra sobre a identidade surda e cultura, pois a criança surda precisa estudar numa sala junto de outros surdos para conhecer sua identidade e cultura até o ensino fundamental, pois só então quando ele já conhecer sua identidade, cultura e souber língua de sinais poderá frequentar o nível médio com interprete de LIBRAS e aprender o português como sua segunda língua. Ele colocou que os professores ainda não estão preparados para receberem os surdos e que a lei da língua de sinais tem pouco tempo, seu surgimento foi em 2002. No entanto, Maria Tereza diz que os surdos não sabem o que querem e que precisam aceitar a sala inclusiva, pois são os professores que precisam aprender LIBRAS.

Um surdo chamando Paulo Vieira diz que não acredita no trabalho de Maria Tereza porque ela não conhece a realidade dos surdos. Isso é verdade, pois quem conhece a realidade dos surdos são os próprios surdos e que ela sabe que os professores não estão preparados para receberem os surdos. Ela diz que os professores vão aprender LIBRAS, mas isso é futuro e não está pronto, ainda. O certo é que o professor esteja preparado para receber surdos na educação bilíngue. Os surdos não querem separar a sociedade, mas sim terem uma educação de qualidade. A preocupação dos surdos é a escola e sua aprendizagem na inclusão escolar, pelo fato de sua língua ser diferente, eles querem ter direito a um professor bilíngue. Pois os ouvintes têm direitos a professores na sua língua: o português. A relação com a sociedade é outra coisa, os surdos querem a inclusão sim, nos passeios, trabalho, lazer e etc...

Seguem as fotos que registraram o debate:



Figura 4: Durante a abertura do debate, da direita para esquerda, Dra Maria Tereza Mantoan, Prof. Neivaldo, Dra. Karina, Dr. Frederico e Dr. Ademario



Figura 5: Da esquerda para direita, Dra. Linamara, Sr. Paulo e Dr. Ademario



Figura 6: Auditório de primeiro andar lotou durante o discurso do Profº Neivaldo



Figura 7: O Prof. Neivaldo fez exposição em defesa da Escola de Surdos e garantir os direitos dos surdos ao lado da Dra. Maria Teresa Mantoam e Dra. Karina Teixeira



Figura 8: Dra. Maria Mantoan e Dra. Eugênia assistindo o discurso



Figura 9: Dra. Linamara e Sr. Paulo Vieira no fundo com telão de Intérprete de LIBRAS interpretando o discurso do Prof. Neivaldo



Figura 10: O auditório do segundo andar lotou com o telão que foi transmitindo ao vivo durante o discurso.



Figura 11: Diversas pessoas no segundo andar do auditório assistindo ao discurso.

O debate que aconteceu é uma história marcada para sempre na vida dos surdos, como pode dizer que os surdos não sabem o que querem? Não se pode afirmar que os surdos querem se separar da sociedade, isso não é verdade, os surdos querem a inclusão da sociedade, só que os surdos querem escola de qualidade com a língua deles, pois nem todo mundo sabe LIBRAS. Os surdos querem ter direito a professor que saiba sua língua, pois numa sala inclusiva os professores não estão preparados para receberem surdos e nem sabem LIBRAS. O cego ouve e fala a língua portuguesa e o deficiente físico também. Os surdos precisam de uma língua igual a dele para entender, pois tem pessoa surdas, que são oralizadas mas sabem muito bem ler os lábios, mas não são todos. Os que leem os lábios que são uma minoria podem fazer sua escolha: inclusiva ou escola de surdos.

Alguns autores construíram a surdez na perda da audição, na falta de ouvir não conseguem ver as contribuições que a comunidade surda vem trazendo com a sua língua gestual-visual.

O mais grave dessas afirmações de definir os surdos na falta de ouvir, é pensar que todos os surdos são iguais. Essa maneira de ver todos os surdos de maneira igualitária, parece ser uma forma muito simples dos pedagogos e psicólogos definirem e classificá-los.

Ainda hoje os discursos da maioria dos professores ouvintes não são diferentes das pessoas comuns. Definem os surdos como surdos e esquecem que têm outras diferenças importantes. Não se preocupam em ver que eles são diferentes na sua pobreza ou riqueza, na cor da pele, na forma de ser adulto, criança ou de estudar numa escola de ouvintes ou numa escola de surdos.

### 3 METODOLOGIA E PESQUISA

#### 3.1 Uma pesquisa realizada durante o curso de pós-graduação: saber o perfil do estudante surdo.

Os professores do curso de pós-graduação realizaram juntos com os alunos, uma pesquisa para saber o perfil do surdo na área metropolitana do Recife, do ensino fundamental II ao ensino médio. Os professores elaboraram um pré-projeto (em anexo) e foram elaborados na sala de aula 160 perguntas com os alunos do curso e os professores.

Depois os alunos foram divididos em dupla para fazerem as entrevistas. O critério adotado principalmente para os 5 alunos surdos que faziam parte do curso, foi que eles iriam entrevistar os participantes da pesquisa surdos. Formaram-se duplas de alunos surdos do curso de pós-graduação.

Foi aplicado um questionário e feito um diário de campo. Foram selecionadas duas escolas do ensino fundamental II que têm turmas apenas de surdos e três escolas que fazem a inclusão no ensino fundamental II e ensino médio.

As questões foram levantadas a partir das novas experiências com a integração e inclusão.

Será que existe diferença entre surdos que nascem no Brasil e surdos que nascem na França?

Será que há diferenças entre surdos que nascem filhos de pais surdos e filhos de pais ouvintes?

Será que os surdos gostam de frequentar os mesmos lugares?

Será que os surdos querem a mesmas coisas?

Os surdos de Pernambuco pensam da mesma forma que os do Rio de Janeiro?

Como pensam os surdos sobre a sua educação e escolaridade?

Essas e outras tantas perguntas foram levantadas durante o curso de pós-graduação e os 05 alunos surdos tentaram responder, mas sempre os professores perguntavam: Vocês acham que todos os surdos pensam iguais a vocês, só pelo fato de vocês serem surdos?

A partir dessas questões, os alunos surdos do curso, concordaram com a proposta dos professores em realizar uma pesquisa coletiva durante o curso de pós-graduação: Estudos surdos: cultura e diferença. Foram assim, desafiados para querer saber as respostas.

A pesquisa tinha por objetivo conhecer os estudantes surdos da área metropolitana do Recife, especificamente do ensino fundamental II e ensino médio.

Os professores do curso elaboraram um pré-projeto (em anexo) e foram discutindo desde o objetivo, as justificativas até qual seria o universo da pesquisa. A proposta era de aprender a pesquisar fazendo juntos.

Durante as discussões na sala de aula o projeto foi se modificando e tomando outra forma, ou seja, no início a idéia era de aplicar um questionário com todos os surdos da área metropolitana do Recife, mas depois se levantou, por exemplo, que só seria possível um percentual desse universo. O fator tempo era um dificultador do quantitativo idealizado. No início se pensou em ouvir apenas os surdos, depois, alguns alunos do nosso curso se interessaram também de saber o que pensam os pais e professores que trabalham com os surdos.

A participação dos alunos surdos foi importante para se elaborar os questionários específicos dos estudantes surdos, das escolas de ensino fundamental II e médio, realizando uma adaptação do português numa versão mais fácil de entender.

Os alunos surdos da pós-graduação viveram na sala de aula a experiência de inclusão. Tinham um intérprete pago pelo curso durante toda a aula e alguns professores que tinham o domínio de LIBRAS. Podemos afirmar que vivemos uma situação diferenciada da maioria de alunos que vivem a inclusão nas escolas, porque os professores desse curso têm um real interesse em aprender com os surdos, em fazer pesquisa com os surdos, em compreender a cultura surda. Mesmo nessa condição de privilegiados, percebeu-se que as aulas não tinham uma pedagogia visual. A maioria dos professores não tinha uma prática de sala voltada para pessoas preferencialmente visuais.

### 3.2 Os surdos definem as perguntas

Foram levantadas mais de 200 perguntas em sala de aula, que os alunos e professores gostariam de saber sobre o que pensam, como vivem e como aprendem os surdos em especial.

Foram também levantadas as mesmas questões e acrescentadas outras para os pais e professores.

No final, foram selecionadas 160 perguntas junto com os alunos do curso e professores, específicas para os estudantes surdos das escolas de ensino fundamental II, médio

e universitários. No caso específico do meu trabalho, o foco foi para estudantes do ensino fundamental II e médio. É o nosso universo de trabalho.

### 3.3 Metodologia da pesquisa

Depois de selecionadas as perguntas, os alunos surdos do curso da pós-graduação, realizaram um pré-teste do questionário com 3 alunos do ensino fundamental II. Nesse ensaio, foram se reformulando as perguntas num português que facilitava a leitura dos surdos. Pode-se afirmar que as perguntas foram construídas numa sintaxe que facilitava ao pesquisador surdo, traduzir para a língua de sinais. A nossa preocupação era fazer uma aplicação do questionário com perguntas claras para que o entrevistado e o entrevistador não tivessem dúvidas durante a entrevista.

Depois de revisado e mais uma vez treinado entre os colegas surdos do curso, definiu-se que os entrevistadores de estudantes surdos seriam apenas os alunos surdos do curso de pós-graduação.

Foi feita uma divisão em duplas para as entrevistas. O critério adotado principalmente para os cinco alunos surdos que faziam parte do curso, fora de entrevistar os surdos: um fazia as perguntas em LIBRAS e outro anotava num diário de campo as observações que achava importante durante a aplicação do questionário. Alguns alunos surdos do curso formaram dupla com o intérprete, que fazia o diário de campo.

Foram selecionadas duas escolas do ensino fundamental II que têm turmas só de surdos e 3 escolas com a experiência da inclusão. Ao todo foram realizadas 49 entrevistas com alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

### 3.4 A seleção das perguntas do questionário

Ao total foram 160 perguntas (questionário em anexo) que abrangem temáticas: sociais, de escolaridade e etc...

A área de interesse que nós levantamos são as questões relativas à educação e especificamente as políticas de inclusão. O nosso interesse é de levantar as opiniões e experiências que vivem os surdos nas salas e escolas de inclusão.

As perguntas que selecionamos não estão na ordem natural do questionário. Primeiro lemos todas as perguntas do questionário e começamos a analisá-las. Era impossível analisar as 160 perguntas e fazer os seus cruzamentos para mergulhar mais profundo no perfil desses estudantes surdos.

Para responder a nossa pergunta inicial, de como os alunos surdos veem a inclusão, selecionamos perguntas e fomos analisando e relacionado-as.

#### 3.4.1 Caracterização dos estudantes surdos

O critério de seleção dos estudantes surdos para responderem aos questionários foi o sorteio. Foram sorteados estudantes do ensino fundamental II e ensino médio das escolas já selecionadas. Dos 49 estudantes surdos sorteados tem do sexo masculino 36, do sexo feminino 13. No total temos 49.

A faixa etária: tem 11 estudantes na idade entre 16 e 20 anos; 22 estudantes nas idades entre 21 e 25 anos; 2 estudantes na idade entre 26 e 30 anos; 4 estudantes na idade entre mais de 30 anos. O estado civil dos entrevistados varia também: tem 42 estudantes de solteiros; 03 casados, 04 vivem com companheiro, 01 separado e nenhum divorciado ou viúvo.

A situação social de trabalho: temos 09 estudantes surdos que trabalham e 38 estudantes surdos que não trabalham.

As perguntas foram colocadas por ordem de maior concordância em termos percentuais e fomos comparando os resultados dos nossos entrevistados, com outras pesquisas e opiniões de outros surdos em outros estados do Brasil.

#### 3.4.2 Caracterização dos estudantes selecionados para a nossa pesquisa

Selecionamos só os estudantes que vivem a experiência da inclusão. Foram retirados os estudantes da escola Rochael de Medeiros que tem professores bilíngues nas salas de aula e do Centro SUVAG de Pernambuco que tem uma experiência de escola bilíngue. No total dos entrevistados, foram selecionados para essa pesquisa 31 estudantes das escolas Barbosa Lima, Vidal de Negreiros e Lauro Diniz.

#### 3.5 Análise das perguntas – os surdos dizem não a inclusão

A primeira pergunta selecionada foi: Você acha importante a inclusão do aluno surdo? A qual pede que aos estudantes que se posicionem sobre a possibilidade de fazer a inclusão em alguma modalidade de ensino.

Os surdos responderam que em nenhuma modalidade de ensino, a inclusão é uma maneira dos surdos aprenderem com qualidade.

Você acha importante a inclusão do aluno surdo?						
	B.Lima	L.Diniz	Rochael	Suvag	V.de Negreiros	Total
a)Educação Infantil	—	—	—	—	—	—
b)Ensino fundamental I	—	—	—	—	—	—
c)Ensino fundamental II	02	—	—	—	—	02
d)Ensino médio	—	—	—	—	—	—
e)Supletivo	—	—	—	—	—	—
f)Ensino Superior	—	—	—	—	—	—
g)Todas as respostas	01	—	—	—	—	01
h) Nenhum destas resposta	15	04	10	08	03	41
i) Ns	—	—	—	—	—	—
j) Nr	—	—	—	—	01	01

Figura 12: Pergunta 1

Você acha importante a inclusão do aluno surdo?

Ensino fundamental - 4,4%

Todas as respostas - 2,2

Nenhuma destas respostas - 91,11

Apenas nessa pergunta incluímos todos os estudantes da pesquisa, inclusive os estudantes das duas escolas que não vão fazer parte do restante da nossa análise. Isso porque, entendeu-se que essa foi a pergunta mais importante desse questionário, porque a questão da inclusão é a mais gritante na realidade da escolarização dos estudantes surdos.

A pesquisa mostrou que a maioria não aceita a inclusão em nenhuma modalidade de ensino. Ter aula com intérprete significa não ter qualidade de ensino.

A melhor situação de aprendizagem para os surdos é terem professores surdos ou professores bilíngues. Essa situação de colocar todos juntos, surdos e ouvintes, deficiente físico, cego e metal, é querer que o professor seja polivalente e especialista em conhecer todas as diferenças. Por exemplo: saber o Braille, entender profundamente de desenvolvimento mental etc.

No caso específico dos surdos é ainda mais grave porque mesmo o professor sabendo LIBRAS, ele não pode falar português e língua de sinais ao mesmo tempo. Os outros alunos ouvintes têm a língua portuguesa que é sua primeira língua, e os surdos não, pois a primeira língua dos surdos é a LIBRAS.

Hoje temos a Lei de LIBRAS Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, e o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Mas, como essa lei tem pouco tempo, os profissionais das escolas ainda não estão preparados para receber surdos em uma sala regular, nos casos em que tem cidades pequenas e poucos surdos. Nesse caso, sabemos que não é possível abrir uma escola de surdos. O aluno surdo fica prejudicado e tem de estudar em classes de inclusão com intérprete. Essa é a realidade e não podemos esconder as falhas dos modelos de educação. Sempre vem essa pergunta para os que defendem a inclusão: Na verdade, se em uma sala regular a maioria dos alunos fossem surdos e as aulas fossem dadas em LIBRAS, se os alunos ouvintes não soubessem LIBRAS, será que eles aprendiam igual aos surdos? Hoje temos o curso a distância em algumas universidades federais de Letras LIBRAS. Os professores sabem LIBRAS. Há uma interação entre professores e alunos surdos. Essa realidade é só para os adultos. No caso das crianças ainda é mais complicado porque a maioria não sabe LIBRAS quando chegam na escola.

Outra questão importante e não analisada pelos ideólogos da inclusão, é relativo ao *status* da língua de sinais na sala de aula. A LIBRAS, que é uma língua também brasileira, numa sala de inclusão, fica visível e evidente o lugar que ela ocupa: segunda língua.

Compreendemos e concordamos sobre a crítica da resistência surda materializada nos sujeitos da pesquisa, que perceberem que os anos se passam e a verdade sobre a política

educacional para o surdo de Pernambuco é a mesma, de desrespeito aos surdos. A prática está longe de atender essas indicações sobre a inclusão. A dinâmica educacional da sala de aula da escola está focalizando na língua oral e na escrita. O aluno surdo inserido no espaço educacional de alunos ouvintes vai tentar se comportar como um deles. Sua língua de sinais aparece pouco e sem brilho.

O mais grave é que as diretrizes para a educação dos surdos apontadas pelo MEC não chegaram na maioria das escolas que recebem surdos. Isto quer dizer não tem suficientes condições estruturais e o surdo fica mal atendido sem que ninguém se responsabilize.

Na maioria das vezes no cotidiano dos surdos vive-se poucas oportunidades e grandes dificuldades. Não se quer que alguns poucos surdos tenham sucesso; é preciso que a escola ofereça a todos a superação da exclusão escolar. A inclusão escolar é diferente da inclusão social. A primeira tem um problema para a aprendizagem do sujeito surdo e os sujeitos de diferentes língua e cultura.

Os surdos estão preocupados porque a escola inclusiva não trabalha os conteúdos da pedagogia surda. Os professores surdos continuam demandando prestígio para a pedagogia surda na escola inclusiva para a construção do espaço com a cultura surda na inclusão. Mesmo assim, na escola inclusiva diferente das classes de surdos ou de escolas de surdos, priorizam só as interações entres os indivíduos, tirando a oportunidade para viver a diferença e compreender a sua diferença.

Pensamos que a pedagogia surda provoca a sensação de que não somos segregados, não somos o estereótipo do diferente, vivemos o respeito à alteridade. Já temos muitos dos sofrimentos subjetivos dos surdos quando foram ignoradas as suas diferenças e a sua cultura desvalorizada. E na mudança do oralismo obrigatório para o bilinguismo está muito fraca na educação dos surdos e na inclusão como estaria?

Você estuda em classe que tem:				
	B.Lima	L.Diniz	V. Negreiros	Total
a) Professor que usa LIBRAS e português escrito (classe bilíngüe)	—	—	—	—
b) Professor ouvinte e intérprete (classe inclusiva)	22	02	03	27
c) Professor ouvinte sem intérprete classe inclusiva)	—	02	01	03
d) Nr	—	—	—	—

e) Branco	01	—	—	01
Total	23	04	04	31

Figura 13: Pergunta 2

Você estuda em classe que tem:

Professor usa LIBRAS e português escrito bilíngue %

Professor ouvinte com intérprete (classe inclusiva) 87,09 %

Professor ouvinte sem intérprete - 9,67%

Nessa investigação, o que não pode ser esquecido é a visão dos surdos em relação ao currículo da escola regular. Nesse sentido, julga-se importante aprofundar a crítica dos sujeitos surdos da pesquisa, ao currículo da escola regular em relação às necessidades educacionais do aluno surdo.

A pesquisa mostrou que a maioria tem um intérprete de LIBRAS na sala de aula, para vários alunos surdos isso não é fácil e o professor é ouvinte e não sabe LIBRAS. A proposta de educação bilíngue é muito recente e são poucas as experiências implementadas.

Na perspectiva bilíngue, a língua de sinais é considerada a primeira língua dos surdos e a língua majoritária na modalidade oral e ou escrita como segunda. Essa visão sobre a surdez e o surdo tem sido apoiada pela comunidade de surdos.

Outra realidade gritante é que ainda com a inclusão se tem poucos professores preparados para ter uma boa interação aluno x professor. O mais importante é o professor ser bilíngue, por mostrar que o aluno tem direito a professor. O intérprete na sala parece que o aluno surdo não tem direito a professor, como o ouvinte sempre tem direito a professor com sua língua. O intérprete é bom para dar apoio, nas situações que os surdos não têm opção de escolas bilíngues. E também para interpretar na sociedade. Na escola é preciso o professor ser bilíngue e ou uma escola para surdos e sala para surdos.

Os alunos que responderam, no caso de 9,6%, que não têm nem intérprete nem professor bilíngue, como fica a situação desse aluno? Aqui se vive o modelo da verdadeira exclusão.

No artigo de Machado organizado por Perlin (1998) o autor faz referências aos modelos de integração e de inclusão.

Para identificar a marca “surdo” que apresentamos, preciso aproximar o que é entender por sujeito surdo[...] Os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva[...] O encontro surdo-surdo é essencial para

construção da identidade surda, é como abrir um baú que guarda os adornos que faltam ao personagem.

No artigo de Strobel organizado por Perlin aparece os modelos históricos alunos surdos excluídos na escola:

A história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios têm sido elaborados sempre sob uma perspectiva dos ouvintes e não dos surdos que, quase sempre, são ignorados e desvalorizados como sujeitos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades inerentes e de sua diferença: a de ser surdo. Desta maneira, a ‘inclusão’ de sujeitos surdos nas escolas, tendo-se a língua portuguesa como principal forma de comunicação, faz-nos questionar se a inclusão significa integrar o surdo realmente. Na verdade, a palavra correta para as experiências desenvolvidas não é ‘inclusão’, e sim uma forçada ‘*adaptação*’ com a situação do dia a dia dentro de sala de aula. (2008, p.1)

Na verdade, os surdos estão sendo forçados para a inclusão, eles não estão escolhendo o que é melhor para eles, quem está escolhendo é o ouvinte. Os surdos têm o direito de escolherem se querem uma escola para surdos, sala para surdos ou inclusão, deveria se deixar os surdos livres para sua escolha. Tirar a escola ou sala de surdos, parece repetir o congresso de Milão, que obrigara os surdos a serem oralizados.

Quantos alunos surdos(as) estão incluídos na sua própria classe?				
	B. Lima	L. Diniz	V. Negreiros	Total
Menos de 10	12	03	03	18
10-20	06			06
21-30	01			01
Muitos	—	—	—	—
Todos os alunos	—	—	—	—
Não tem	—	—	01	01
Ns	01			01
Nr	01			01
Branco	—	—	—	—

Figura 14: Pergunta 3

Quantos alunos surdos(as) estão incluídos na sua própria classe?

Menos de 10: 64,28%

Entre 10-20: 21,42%

Entre 21-30: 3,57

Não tem : 3,57

A situação desses alunos é muito séria e precisa ser denunciada. A resposta da maioria ----% dos alunos respondem que tem mais de 10 alunos e um respondeu que tem mais de 21 alunos surdos com um só intérprete. Como um professor pode segurar uma turma com alunos ouvintes e mais de 21 surdos na sala de aula? Essa realidade deve ser vivida em outras escolas e os alunos surdos fazem de conta que aprendem e o professor faz de conta que ensina. A situação desses alunos é muito séria e precisa ser denunciada. A resposta da maioria ----% dos alunos respondem que tem mais de 10 alunos e um respondeu que tem mais de 21 alunos surdos com um só intérprete. Como um professor pode segurar uma turma com aluno ouvintes e mais de 21 surdos na sala de aula? Essa realidade deve ser vivida em outras escolas e os alunos surdos fazem de conta que aprendem e o professor faz de conta que ensina. Os contatos que os surdos têm entre si, proporcionam uma troca de representações da identidade surda. Através de uma relação de: informações intelectuais, artísticas, éticas, estéticas, sociais e etc... Caracterizar a identidade surda num grupo social com uma cultura determinada, este significado parece ser o fundamento da identidade surda. Uma estratégia para o nascimento cultural.

A escola na qual você estuda é:				
	B.Lima	L.Diniz	V. Negreiros	Total
a) Do governo	21	04	04	29
b) Particular	—	—	—	—
c) Ong	—	—	—	—
d) Outra	—	—	—	—
e) Ns	01	—	—	01
f) Nr	01	—	—	01
Total	23	04	09	31

Figura 15: Pergunta 4

**A escola que você estuda é?**

**Do governo-93,54**

A pergunta acima mostra que a maioria dos alunos que estão na escola pública está sendo forçada a estudarem em sala de inclusão com ou sem intérprete.

Os surdos sempre aceitam serem surdos, aceitam a cultura dele, e quer sempre estuda numa escola com a língua deles, que seja L1 e cultura igual, pois nesse momento ele tem seu desenvolvimento e a dos ouvintes é muito diferente da dos surdos. E a língua usada pelo professor é a língua portuguesa.

A escola inclusiva não é muito boa para os surdos, principalmente porque o currículo é baseado na aprendizagem dos ouvintes. Pode, sim, acreditar que a escola pode voltar a ter seu currículo educacional que leve a respeitar a escolha dos surdos, se querem inclusão ou escola para surdos e ou sala para surdos, como se é respeitado aos povos indígenas a terem direito a sua língua. A inclusão só se preocupa com o modelo dos ouvintes. Por isso os surdos precisam lutar mais por suas escolas.

Seu professor comunica com você em:				
	B. Lima	L. Diniz	V. Negreiros	Total
a) LIBRAS	03	01	02	06
b) Gesto	10	02	02	14
c) Mímica	03	—	—	03
d) Linguagem própria	04			04
e) Mistura de português e sinais	02	—	—	02
f) Português escrito	08	—	—	08

Figura 16: Pergunta 5

**Seu professor se comunica com você em:**

**LIBRAS 28,57%**

**Gesto 22,22%**

**Mímica 4,76%**  
**Linguagem própria 6,34%**  
**Mistura de português em sinais 3,17%**  
**Português escrito 12,69%**  
**Através do intérprete 20,63%**  
**Fala oral 1,58%**

As experiências comunicativas frustrantes são sentidas por ambas as partes. As dificuldades mais buscadas por questões é a metodológica ou curricular mais difíceis de serem percebidas pelo professor e o surdo muitas vezes fica excluído, tentando disfarçar seu estado de abandono.

Marque com um X as adaptações feitas e usadas na sua escola.				
	B.Lima	L.Diniz	V. Negreiros	Total
a) Campanha luminosa	—	—	—	—
b) Cadeiras em círculos	02	—	—	02
c) Telefone para surdos	11	—	02	13
d) Outras	—	—	—	—
e) Não foram feitas, não são usadas	10	04	02	16
f) Nr	—	—	—	—

Figura 17: Pergunta 6

**Marque com um X as adaptações feitas e usadas na sua escola.**

**Campanha luminosa: 0%**  
**Cadeiras em círculos: 6,45%**  
**Telefone para surdos: 41,93%**  
**Não foram feitas ou não são usadas: 51,61%**

Como demonstra o quadro acima, a maioria das escolas não estão preocupadas com os surdos. Algumas utilizam as salas com cadeiras circulares. Não ficou claro que esse procedimento é feito por causa dos surdos. No restante das perguntas, nenhuma escola atende as adaptações necessárias que coloquem os surdos em posição de igualdade com os outros alunos da escola. Registramos que são essas as escolas públicas, as que defendem as políticas de inclusão.

Você aprende mais com professor surdo?
--

	B.Lima	L.Diniz	Rochael	Suvag	V.de Negreiros	Total
a)sim	23	04	08	08	04	47
B)não	—	—	01	—	—	01
c)Nr	—	—	01	—	—	01
d)Branco	—	—	—	—	—	—
Total	23	04	10	08	04	49

Figura 18: Pergunta 7

### **Você aprende mais com professor surdos:**

**Sim 95,91%**

**Não 2,04%**

Quase 100% dos alunos surdos entendem que aprendem melhor com professor surdo. E porque ele aprende mais com professor surdo? Essa pergunta é normal e compreensiva para os ouvintes. Porque os ouvintes aprendem mais com ouvintes e falantes da sua mesma língua? É uma obviedade. É mais fácil quando somos da mesma cultura, falamos a mesma língua. Os surdos sentem e percebem que as escolas são para os ouvintes e eles foram incluídos para serem excluídos, porque não se respeita com a mesma força a sua língua. A vontade dos alunos surdos é continuar buscando à questão de professor surdo em valores com sua constituição de identidade e cultura.

“Os professores surdos, na sua diferença, apresentam diferentes identidades, identidade surda, híbrida e flutuante”. (PERLIN *apud* QUADROS, 2007 p.95).

O que nos leva no momento a investir na formação de professores surdos?

Segundo Quadros:

Os professores surdos relatam a sua experiência de vida profissional se descobrindo trabalhando na sala de aula e a sua participação e construção de conhecimento junto com os alunos surdos contribue para tomar conhecimento da sua cultura, da sua identidade, e ele se comunicar na sua primeira língua que é a língua brasileira de sinais, LIBRAS. (2007, p.96).

É importante a formação de professores surdos que atinjam sua vontade de ensinar, que possa ocorrer uma identificação com o professor surdo e sua valorização e construção da sua história cultural. Na história das escolas de surdos, temos a personalidade

do Abade L'Épée, que foi um homem considerado como fundador da educação de surdos. O que aconteceu em 1750.

Ele começou a trabalhar com surdos e viu que os surdos tinham uma língua e que podiam depois de terminar o curso serem professores de surdos. No Brasil, temos o exemplo do surdo que veio da escola do Abade para ensinar aqui aos outros surdos. Em 1857, o Eduard Huet foi convidado por D. Pedro II para fundar a primeira escola de surdos no Brasil. Hoje é o instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) que é mantido pelo governo federal.

No artigo de organizado por (PERLIN *apud* STROBEL,2008 p.110) enfatiza as propostas da educação dos surdos, a exigência para a prática cultural no currículo, cita dentre elas:

- Presença do professor surdo na sala de aula para contato com a representação de identidade surda, o que gera uma atitude positiva para com essa identidade;
- Professor ouvinte com domínio de língua de sinais e capacitado apra ensino de portguês como segunda língua, participante do movimento da comunidade surda, o que vai possibilitar a vivência, ou seja, a experiência cultural rpresente;
- Contato do surdo com a cultura surda, movimento surdo, expressões culturais surdas, o que facilidta sintonia dos estilos de ensino com o estilo de parentizagem e motivação dos estudantes.

## CONCLUSÃO

Os estudantes da rede estadual de ensino nos mostram que ter um intérprete e não um professor titular da disciplina na sala de aula usando a nossa língua, nos coloca, nós surdos, em não igualdade de condições, valorização da nossa língua e de aprendizagem.

A opressão que sofre o surdo é ainda muito forte numa escola que vive a experiência de inclusão. Temos que nos perguntar sempre: Por que os ouvintes querem a inclusão?

Na inclusão algumas escolas têm intérprete para surdos, mas quem garante que os intérpretes estão traduzindo corretamente o que o professor está falando na sala de aula?

O documento de Salamanca revela que as crianças com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que deverão recebê-las com uma pedagogia centrada no aluno, portanto capaz de atender às suas especificidades.

Um aspecto importante que faz sentido no questionamento dos surdos: a política pública de educação no Brasil faz proposta de inclusão ou integração? Nessa proposta a escola regular acaba privando o surdo com um importante contato com outros surdos adultos. No contato com o surdo adulto, o aluno vive sua cultura, vive a sua língua, construindo sua identidade, identificando-se com seus iguais.

Na escola regular que não conhece a diferença cultural, o surdo não tem espaço para viver sua cultura e nas suas formas particulares de expressão. Sempre os alunos surdos ficam dependendo dos programas educacionais voltados para ouvintes e elaborados por ouvinte.

No artigo de Machado, organizado por Quadros (2006) o autor faz referências aos modelos de integração e de inclusão, que não facilitam a escolarização e aprendizagem dos surdos:

Perlin e Quadros (1997), referindo-se ao modelo de integração/inclusão, apontam na direção dos sujeitos dessa pesquisa. As pesquisadoras advertem sobre as condições desiguais oferecidas aos alunos surdos em relação à apropriação do saber, quando comparadas àquelas oferecidas aos ouvintes. As necessidades do aluno surdo frente ao processo educacional não são observadas e, conseqüentemente, tampouco supridas. Assim sendo, não lhes são viabilizadas condições capazes de possibilitar o seu pleno desenvolvimento, como acontece com os alunos em geral. Os conhecimentos e informações trabalhados nas escolas são vinculados exclusivamente à política de compreensão do português. Para os surdos o português é uma língua estrangeira, portanto difícil de compreender.

Essas respostas de quase unanimidade dos alunos surdos sobre a experiência da inclusão, nos levam a pensar e concordar com alguns autores que pesquisaram também outros surdos nessa situação. Os surdos não aceitam os modelos dos ouvintes, os surdos querem outros modelos pedagógicos que sejam facilitadores da sua aprendizagem. O modelo de intérprete é mais uma vez os surdos terem de se adaptar aos modelos dos ouvintes. É outra forma de poder dos ouvintes sobre os surdos, mas só disfarçada.

Nós não podemos defender a inclusão como política de escola para surdos, porque é injusto, todos ou quase a maioria dos estudantes têm professores e só os surdos têm intérpretes.

Os gestores de políticas públicas precisam entender que o surdo tem uma língua diferente, e para que os surdos tenham uma educação de qualidade o mínimo para ser levado em consideração é de ter professores com proficiência em LIBRAS.

O intérprete de LIBRAS não é professor ele é sim um mediador, tudo o que ele ouve e do jeito que ele entende é passado para os surdos. E tudo o que os surdos disserem e do jeito que ele entende é passado para o professor. Os alunos surdos querem ter direito a professores que saibam LIBRAS. Por que os surdos não podem ter direito a ter professores na sua língua natural?

Era só essa questão que desejava ter resposta. Essas perguntas a inclusão não responde e nós os surdos continuamos a viver uma situação de inferioridade, de desigualdade em relação aos ouvintes que interagem diretamente com os professores.

Assim como a minha história é a história de vários outros surdos. Eu falo sobre a importância da LIBRAS, da lei da língua de sinais, por isso que ela, apesar de ter sido proibida, nunca sumiu, e nós surdos lutamos e sofremos muito para conquistar essa língua.

Os movimentos dos surdos não querem ficar a distância dos ouvintes, os movimentos dos surdos desejam se integrar à sociedade em tudo. Trabalhar e ser independentes. Participar entendendo o que a televisão mostra, votar nas eleições, ter acesso

aos programas de saúde, aos shows, aos esportes, ao teatro, a literatura, aos museus e as viagens.

Concordo com os estudantes surdos da pesquisa que todos dizem não a inclusão. Questiono as práticas escolares de inclusão mostrando que a possibilidade de transformação na educação dos surdos passa pela adoção de uma pedagogia surda.

## REFÊNCIAS

**BOTELHO, P. Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.p.19

**FELIPE, Tânia. Uma Breve Retrospectiva da Educação de Surdos no Brasil e a Líbras.** Disponível em: <[http://www.feneis.com.br/page/LIBRAS\\_nacional\\_integra.asp](http://www.feneis.com.br/page/LIBRAS_nacional_integra.asp)> Acesso em: 20 out. 2009.17, 20, 21 e 24

**FENEIS. Debate em Defesa Escola de Surdos no OAB-SP foi um sucesso e um marco histórico no Brasil.** Disponível em: <[www.feneis.com.br/page/noticias\\_detalhe.asp?categ=1&cod=635](http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=635)> Acesso em: 19 de set. 2009.

**MACHADO, Paulo. A política educacional de integração/inclusão.** Florianópolis.

**PERLIN, G; MIRANDAS W. Revista Ponto de Vista,** Florianópolis nº 5. 2003

**QUADROS Ronice. Estudos dos surdos III.** Petrópolis, RJ: Arara azul, 2008.

**QUADROS, Ronice Muller. Ideias para ensinar português para alunos surdos/ QUANDROS RONICE, SCHIMIEDT – Brasília: mec, seesp, 2006. p. 7, 13, 15, 16.**

**QUADROS Ronice; PERLIN Gladis. Estudos dos surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 95

**STROBEL, Karin, Revista virtual de cultura surda e diversidade.** Edição Nº 3. Seção Perfil. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/perfil.php>>. Acesso em: 15 de set. 2009.

**STROBEL KARIN, LÍLIAN. As Imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008. p. 87

STOBEL, KARIN, LÍLIAN. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas.**

Disponível em:

[scholar.google.com.br/scholar?q=karin+stobel,+a+vis%C3%A3o+hist%C3%B3rica+da+in\(ex\)+dos+surdos+nas+escolas&hl=pt-BR&um=1&ie=UTF-8&oi=scholart](https://scholar.google.com.br/scholar?q=karin+stobel,+a+vis%C3%A3o+hist%C3%B3rica+da+in(ex)+dos+surdos+nas+escolas&hl=pt-BR&um=1&ie=UTF-8&oi=scholart). Acesso em 20 de out. 2009. p. 9